



Fanal Eterno

C L A V I O . J . J A C I N T O

FANAL ETERNO

Clavio J. Jacinto

PUBLICAÇÕES BÍBLICAS BEREIANAS

DEZEMBRO 2020.

Valores Eternos

Devemos chover lagrimas

Por dentro e por fora

Até transbordar compaixão

Irrigar todas as esperanças dentro de nós

Devemos chorar todas as torrentes

Lavar todas as vidraças das janelas

Lá dentro do nosso coração

Para que possamos ver:

A vida em profundidade da importância

Que existe no valor de cada

Momento...

»»가|H가|A가|O가|L가|A가|M가▶

Perene vislumbre do estado eterno

Onde a realidade é a consumação total

Vida perpetua e olhos em perolas

Formados nos sofrimentos da antiga vida

Reflexos da glória no êxtase santo

Quando a nós piedade a luz celestial

Dos ribeiros de risos que fluem mais puros

Santos salmos que nutrem o sacro amor

O açafrão de outono nos vales tranquilos

As perpétuas matizes de sóis diamantes

Que orquestram canções em tais sinfonias

O infinito divino que regenera a alma

E que o céu numinoso transparece cristais

Como mármore dourado em luz de tarde

Fincada no vindouro mundo da essência

Vida eterna que da cruz cruel germinou

Clavio J. Jacinto

Mundus Tenebras

As Demandas do mundo demente
Caem como chocalhos de um circo
Prestes a romper os choros correntes
De uma avassaladora ilusão tenebrosa
Mundo que ergueu a cruz
Que despiu a vida para viver a morte
Que consome o absinto sagaz
Que fincou espinhos na face de Cristo
Mundo de outros Barrabás(es)
De reinos atrozes embriagados na soberba
Adormecido na fome da truculência
Açoitados no flagelo das disputas
E vós que persuadidos nesses horrores
Entendam:
O mundo que deu uma coroa de espinhos
Para o Rei dos Reis e Senhor dos senhores
Jamais enviará para os filhos do Reino
Um buquê de flores (Clavio J. Jacinto )

⊙ Infinito Entre as Dores

Se dentro de mim esses lírios choram
As lágrimas de uma sutura de meus dramas
Quando entre os telhados das nuvens gritava
Para que o mundo ouvisse a minha agonia

Quando o universo ouvia meus lamentos
Das grandezas dos espinhos que rastejam
Dentro de minha alma que vertia
Todos os tesouros de uma fé não fingida

Todas as tardes os fundamentos dos olhos sentia
Como um coração que refrata a aurora
Chamas ardentes dessas feridas que tanto ardia
As dores da civilização de todas as humanidades

Gritos náufragos das marés lacrimejantes
Como sândalos triturados no moinho da morte
Há! do sulco o ventre da terra que me acolhe
No meio de tantos temporais que o grão recolhe

Perdi a conta de tantos brados disformes
Quais estrelas cósmicas no céu da minha boca
Que o liquido dos olhos dessa azáfama bendita
Recolhe a tinta escreve a dor mais infinita

(Sabactâni)

(I)

Ouvi na fresta do silencio do tempo

Golpes de ecos, ressonâncias cálidas

Entre os arraiais da singela madeira febril

As farturas das chagas nos tormentos vis

(II)

Dos lábios e a Face de um tão Santo

Lgrimas deslizando no rosto sacro

Marcha galvânica e um fogo que cruza

Os martelos que desdobram o golpe na carne

(III)

Aos olhos de um legado de bizarras chacotas

Soldados fartos de fel erguem a esponja ébria

O beijo mais acido no toque da branda doçura

O vento rústico dos chacais famintos nos montes

(IV)

Dos traços que do ermo escreve um códice

Nas praias da amargura que desbrava a voz
No mármore das angustias de um clamor puro
Bramido das dores (:)Eli, Eli, Lamá Sabctani
(V)

Pois quando findou o grito dos ventos
Numa entrega abrupta em meio ao sarcasmo
Elias não veio, mas o cálice quebrou-se
Entre tempestades e poeiras famintas
(VI)

Numa morte severa que selava a redenção
Entre a encruzilhada do tempo e o céu rubro
Rendia Cristo o Seu ultimo Espírito em suspiros
Para dar aos pobres o primeiro lugar no Reino

(Clavio J. Jacinto)

(Alva Singular)

I

**Eis que revela a alva a pseudo coragem
E que sendo ousados, somos mais fracos
A fraqueza de agir com tanta indolência
De sermos omissos com tanta frequência**

II

**Se os sonhos são carbonos mais puros
As naves de nuvens em céu sacro iluminado
É que a alva estrela brilhante na imensidão
Rompe as algemas duras da nossa escuridão**

III.

**A grandeza de tais brilhos cândidos da revelação
No horizonte da minha vida lúgubre e espartana
No dantesco raiar de glórias do novo amanhecer
Desnuda a vida do meu pobre modo de não ser**

IV

**Quantas alvuras desbrava minhas angústias
Nos caminhos do raiar do dia da renovação
Porquanto avisto as luminescências da aurora
Das penúrias sombrias que cedo se vão embora**

V

**Quem viu tais cais brilhantes da noite finda
Dos mortais que louvam tão fausto despertar
Eis-me aqui nos prados da luz do novo dia
Seguindo celebre a ternura alva até Jesus Voltar!**

(Clavio J. Jacinto)

MARCHA TRIUNFAL

I

**Não deixe fenecer o vosso animo
Como se fosse uma lâmpada quebrada
Mas seja firme a vossa fé
Como uma montanha que o vento
Não pode remover**

II

**E que firmezas terias
Se desistindo fácil das dificuldades
Pudera fenecer a alma sem ternura
Como as centelhas sem destino?**

III

**Vai entre as planuras de um campo
Onde o cedro mergulha atroz
Na terra de sulco do ímpeto a primazia
De beber as raízes de fontes mais puras**

IV

**Não deixe que o destino nem o azar
Seqüestre a esperança e da vida refém**

**Não te esqueças, que há um Deus no céu
E nas dificuldades desta terra de horrores
Talvez não encontres mais ninguém**

V

**E que firmes seria entre as lâmpadas
Acesas na consciência do vosso santuário
Alma consagrada a Deus presente
No momento dos combates mais solitário?**

VI

**Farás da vida a fé em sempiterno triunfo
Quando erguido o monumento da resiliência
Que erguendo pedra sobre pedra
Puseste no templo sagrado da paciência**

VII

**Então do alvorecer que rutila nos olhos
Do semblante pacífico de sabia decisão
Puseste a marcha em uma só direção
Como uma alma forte e bem atrevida
Pusestes na marcha; Deus frente á vida**

A BOLHA

Um pobre menino
(todo) feliz
Brilho vivo nos olhos
Espanto (inocente)
Boquiaberto viu voo
Da sua bolha de sabão

Intrépida e flutuante
Nave imaginaria
A bolha na (lamina) da folha
“Bum!!!” estourou (crueldade!)
Infante chorando
Oh! Ilusão...

As Montanhas e o Coração

*As montanhas possuem cume
Ígneas fontes que levam ao lume
Possuem mistérios indecifráveis
Flores exóticas e aromas inefáveis
Possuem regaços e vales escuros
Seixos e vertentes, basalto duro*

*As montanhas possuem uma definição
São indomáveis limiares na elevação
Berço das chuvas rudes e apavorantes
Portal das sombras e seus instantes
Frutos maduros em branda doçura
Folhas livres de outono, in natura*

*As montanhas são azuis e verdejantes
Rochas purpúreas, esmeraldas infantis
São rastros escritos na suspensa neblina
Selva selada, jardim selvagem que nos fascina
As montanhas possuem o coração gelado
Reino lírico, hermeticamente fechado*

OS MARTIRES

Por cristo, choram
Lgrimas amargas
Para terem direito
Ao rio da vida

Por Cristo, morrem
Derramam o sangue
Para terem direito
As moradas eternas

Por Cristo, sofrem
Dores e angustias
Para terem direito
Do peso de glória

Por Cristo
Somente por Cristo
Em amor incondicional
Vivem o evangelho

Quando seguirmos
Na mesma direção
Choraremos com os que choram
Sofreremos com os que sofrem

É na dor compartilhada

**Que o sofrimento torna-se
Mais suportável.**

Trinta e Três Anos Depois do Natal

**Erguei-vos do vosso monturo
Dessa sepultura tão (fria)
Oh! Pobres almas desconsoladas
Todos os dias (choram) carentes
ampliando a vida amargamente
A perda de uma parte
(De vós mesmas) na real sanidade
Porque a vós renasce a saudade
Ela Não tem o poder de
Ressuscitar (os mortos)?**

**Olhai o crivo do canto colossal
A Vaia do pântano tão sepulcral
Os uivos de lobos famintos
A terra voraz devora os corpos
As libélulas cavam as dores
Tenros carbúnculos e odores
Moídos no tempo tal pedra de Mó
Que tritura os sonhos passados
Ate virar pó**

**Quais estrelas de ternuras findas
Numa cavalgada e marcha possante
Que do placido grito agonizante
Entre flores e espinhos de fanais
A lamina da coroa tão sagaz
Que ceifa cardumes de corpos inertes
O que acontece
A morte que mais assustadora parece
Ali longe da tardia e tosca luz
Onde o ser se consome totalmente na cruz**

E nos calamos e ciprestes das suturas

**Coágulos de sangue na terra mais dura
As sôfregas de laminas pertinazes
No alto do Calvário num pêsame de féis
João e Maria os poucos fiéis
Vendo aos prantos o Filho de Deus padecer
E ali mesmo no ato consumado
Num corpo retorcido e todo chagado
Nas tenazes clausulas o fio tecendo
Estava Jesus morrendo**

**Depois do brado da pura consumação
Quando aberta as feridas de suas mãos
Com os olhos agora fechados
A morte retorce a lamina do arado
Recolhem o corpo e levam ao rochedo
Buraco emprestado a santa sementeira
Das bordas noturnas um evento e clarão
As luzes natalinas de uma grande benção
E Cristo venceu a morte na ressurreição**

Escada Noturna

*A luz da lua fica acesa
Enquanto durmo tranqüilo
No relento da vida
Em meio ao capim seco
Do prado gelado
Sonho sapiente
Em meio às correntezas
Do vento
As cigarras cantam alentos
Num rude imaginário
Abetos em sombras aleivasas
O olhar nos odres de vinho
De que todos os planetas
Perderam sua orbita
Dentro do meu coração
Não é sonhando que alcançamos
As alturas
é necessário que a escada da vontade
Nos conduza ao cume
Pelas nossas ações.*

---AURORA VERSÁTIL---

--

*Acendo (na mente) a luz
Um manto aceso na alma
Lâmpada cintilante (na vida)
Luminar sublime que (acalma)*

--

*No centro (O cetro) da lâmpada
Bolha leve de luminescência
Aragem branda e incandescente
No coração (brasas) fosforescência*

--

*Um fogo cintila (na mente)
Um oceano ferve na intimidade
Um mundo novo resplandecente
Alma (fleuma) alva amenidade*

--

*Uma aurora eterna (Na mente)
Um manto de flores e pigmentos
Espelhos alvos na candura celestial
Meu coração aceso como um fanal*

--

*Cândidos raios ribombam no coração
(Lanternas) da noite e mais um clarão
Coração calvo tão iluminado*

Minha alma fragmentada no cosmos

--

***Preciosa e sublime iluminação
Que enche o coração de (brandura)
Paraíso puro no homem interior
Trono e presença do Santíssimo Senhor!***

Codex Poética

Uma solidão
Um livro
Um coração abatido
Olhos procuram um jardim
O campo da imaginação
Paginas em combustão
Uma mente acesa
Um coração aberto
Uma gratidão viva
Uma narrativa
Letras pulsantes
Caminhos curiosos
Sendas de aventuras
Um épico poético
Epopéia de frases
Da soma dessas coisas
Nasce o vigor que
O homem precisa
Para vencer batalhas
Uma solidão
Um livro: um amigo

Eu me abro
Como um livro
Como um lírio
Que desabrocha
Sem perfume
Sem aforismos
Só uma lagrima
Que se esgota
Na resistência do destino

Esconderijo

**Em que primavera te esconde?
Se minha dó tanto procura
Entre as ervas do Danúbio
Procuro-te nos matagais do sertão
Na sombra de pássaros congelados
Na palha do trigo
Nos pêssames de cantos invernaís**

**Em que primavera te esconde?
Se nos charcos iludes o rosto
Nas pálpebras de uma pedra fria
Num lamaçal adormecido na estrada
Choves como placebos
Vigores de gotas sem alvo
Na estante das folhas envernizadas**

**Em que primavera te esconde?
Minha alma ansiosa
Num banco de réu sem rumo?
Nas vertentes do mar sem águas?
Num ribombar de nuvens assustadas?
Em nada te deleitas
Então choras no tétrico coração pecador**

Jardins

*Há um rio além das montanhas escuras
Um jardim distante das estrelas
O mel do orvalho frio e duro
O muro da madrugada fortalecida*

*Há um calabouço no coração humano
Uma blindagem na alma faminta
Um antro cavado na turfa negra
Os musgos aglomerados na consciência*

*Há um carvão amolecido na praia
O espaço liquido das lagrimas em cubos
O homem e a espada se beijam ali
Ferindo-se nas batalhas consigo mesmo*

*Que será do pobre homem sem luz?
Lavado pelos açoites das ondas da vida?
Ferido pelos grilhões das suas próprias ações
Viajando pelos vagões da insana soberba*

*Ainda que a esperança despontasse no tempo
Há no Calvário uma luz que brilha mais forte
Mas o homem perdido em seus caminhos
Ainda insiste em buscar a eterna morte...*

Perdão

Às vezes sangra alma ferida na dor da ofensa

Aflito se encontra o coração magoado

**Quando as lágrimas correm para perpetuar os
"ais"**

Às vezes palavras são espadas mortais

**Ações são morteiros que despedaçam os
sentimentos**

O claustro interno prende todos os insultos

Um fardo insuportável e mil pesares para a vida

A chama do rancor devora a percepção

O fogo do ódio consome a sensibilidade

O que fazer quando a aridez mata a felicidade?

Perdoe!

O perdão é o portal das virtudes celestes

É fonte de todos os orvalhos

A semente da esperança e da renovação

Perdoar é libertar a alma

É sanar o coração

É fortalecer a alegria

É tornar-se mais humano

O perdão restaura a sabedoria

Ilumina o coração para as coisas sensíveis

Perdoar ó ato mais sagrado que um homem

Pode conceder a outro homem

Calvário de Jerusalém

**Estou só nesse campo
Tão verdejante
Entre montanhas azuladas
Nuvens de prata e searas douradas
Minhas mãos vos apresentam
Com a fartura de grãos
Mas vós, tantos na multidão
Preferem a palha**

**Assim o Messias em pranto
Sobre a fronte de Jerusalém
Chora...
Do orbe insano toca poeira
Da estrebaria naquela hora matutina
Semeando humildade
Aos parques ventos orientais
Do beijo de Judas, a dor do Calvário**

Pluralidade De Sonhos Habitados

**Entrei no caminho imaginário
Uma viagem ao interior dos sonhos
Veredas em montanhas molhadas
Damascos e cerejas derramadas
Ameixas e as flores do limoeiro
Quaresmeiras em campos abertos
O verde untado por chuvas
Entre nevoas que unem céu e terra
Senti o cheiro do mato molhado
O som das águas dos córregos cheios
O leve aroma das pedras molhadas
Pássaros unidos em orquestras
O Uirapuru o Pintassilgo e o Corrupião
Sinto o vento úmido de dia chuvoso
A nevoa de noiva montanhosa
O barro escorregadio da estrada
A sinfonia do Chororó
As folhas e os arbustos rasteiros
Gravetos palhas as asas de dente de Leão
A solidão de um autômato biológico
O canto das cigarras e o zumbido das vespas
O dia dos sonâmbulos
Meu ser imerso na vida
Um épico imaginário
Um labor da alma
A arte viver duas vidas em uma só
Como os livros de aventuras
Que nos fazem viverem tantos mundos
Dentro de uma vida só.**

A SOMBRA DA PRIMAVERA

Quando teu deserto
Virar roseiras
Cuida-te
Para que em doce amor
Não te embriagues com uma ilusão
E em devaneios
Fiques contando espinhos
Ao invés de deleitar-te entre perfumes

Contatos com o autor:

claviojj@gmail.com

(48) 99994 7392

The background of the image is a scenic landscape. In the foreground, there are dark, silhouetted trees. The middle ground shows a misty valley filled with numerous pagodas and stupas, typical of a Southeast Asian landscape like Bagan in Myanmar. Several hot air balloons are visible in the sky, floating above the landscape. The sky is a mix of soft green and yellow, suggesting a sunrise or sunset. The overall mood is peaceful and spiritual.

Poesia Cristã: Um convite a vida sensível